

VELHAS MEMÓRIAS, NOVAS HISTÓRIAS: RELENDO O CAMPO, REFAZENDO A CIDADE

Prof. Ms. Paulo Cesar Inácio¹

RESUMO

A pesquisa em que se baseia este trabalho, em andamento no programa de doutorado em História Social na Universidade Federal de Uberlândia, investiga as transformações vividas por trabalhadores e trabalhadoras do Sudeste Goiano, especialmente nas cidades de Goiandira, Catalão, Ipameri e Cumari na segunda metade do século XX. Utilizando documentos como processos-crime, entrevistas e obras literárias, indagamos como tanto o campo quanto as cidades dessa região foram socialmente reconfigurados nas movimentações que os trabalhadores fizeram diante de pressões que experimentaram. A investigação reafirma, nas ações, expectativas e projetos alternativos postos pelos trabalhadores a vitalidade da categoria trabalho, na compreensão de alternativas postas no passado por esses protagonistas, possibilidades de disputas no terreno das memórias no presente.

Palavras-chave: Memória, Trabalhadores, Campo

ABSTRACT

This research, developed in the Social History doctoral program at the Universidade Federal de Uberlândia, inquires the transformations in workers' everyday experiences in the Southeast region of Goiás State, in towns such as: Goiandira, Catalão, Ipameri and Cumari during the last fifty years of the 20 th century. This study has used many kinds of sources, among them, criminal law suites, interviews and literary books, we also discuss how both the countryside and towns were socially reconfigured through the actions undertaken by workers as a response to the pressures they suffer. This enquiry, after a thoughtful view of these workers and their expectations, reasserts that, it is necessary to make progress in Marxism so that new issues, concerning work as a category, strained from the workers' world can be met.

Key Words: Memory, Workers, Country

A intervenção aqui instituída se alicerça em parte de uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal de Uberlândia em que estamos investigando o processo de transformações por que passaram trabalhadores e trabalhadoras do Sudeste Goiano na segunda metade do século XX, do qual resultou uma reconfiguração social tanto do campo quanto da cidade. Ao eleger para a pesquisa, as ações desses protagonistas, procuramos identificar no Sudeste Goiano, o espaço de suas ações em um período, a segunda metade do século XX. A pesquisa vem identificando como marcantes para uma redefinição social tanto do campo quanto da cidade as ações desses trabalhadores.

¹ Professor da Universidade Federal de Goiás, Campus de Catalão. Doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

O exercício da interpretação encontra na Memória o espaço social de onde os protagonistas explicitam o campo das vivências e disputas. Nesse exercício colocamos em prática o que entendemos como compromisso do historiador com o seu tempo:

(...) recuperar a experiência histórica de diversos sujeitos sociais em seus múltiplos e diversificados aspectos, entendendo como as pessoas constroem seus espaços e territórios, deixando neles suas marcas; discutir as variadas experiências dos trabalhadores analisando o seu fazer-se enquanto classe em seus múltiplos sentidos e práticas; refletir sobre o significado das práticas sociais diferenciadas que estão no campo das vivências, bem como no dos valores e dos interesses, a fim de entender o social como um lugar de tensões; são objetivos que compõem o universo de nossas preocupações maiores. Esses objetivos foram definidos e atrelados ao que consideramos como compromissos sociais e políticos do historiador e às formas como eles expressam maneiras de entender e de fazer história. (ALMEIDA; CALVO; PACHECO, 2005, p.13).

Atentos às implicações de toda pesquisa ao indagar, a partir dos trabalhadores, as transformações, nos movimentamos no interior de um campo metodológico e ao mesmo tempo de opção política de onde estabelecemos o espaço social da fala.

Problematizamos um consenso socialmente construído, aceito e partilhado por instituições de que o campo em que os trabalhadores viveram na segunda metade do século XX morreu. Essa morte constrói uma ruptura entre aquele passado que nada teria a dizer para o mundo atual, e o presente. Paradoxalmente, a constatação de um tipo de campo morto em meados do século XX é proporcional ao esforço para mantê-lo vivo. Políticas de governo e/ou privadas têm lutado para preservar os restos daquela sociedade; em Goiânia, por exemplo, no Memorial do Cerrado, mantido pela Universidade Católica de Goiás, encontramos reproduções de casebres de pau-a-pique, e de casas de sedes de fazendas, lamparinas, carros-de-boi, indumentárias do homem rural, e, ainda, montagens do que seriam uma aldeia indígena e um quilombo.

Os investimentos na preservação dessa cultura material passaram, há algum tempo, a conviver com iniciativas do governo federal, para a preservação da cultura imaterial, através do IPHAN, que desenvolve projetos de tombamento de saberes e conhecimentos tradicionais. Nesse sentido, culinária, medicamentos, músicas, danças e outras tantas manifestações “imateriais” permitem, ao fortalecer pelo passado uma identidade de grupo, propiciar a “inclusão” econômica dos detentores desses saberes, transformados em mercadorias a serem adquiridas ou serviços a serem utilizados, muitas vezes, patrocinados por empresas privadas e dirigidos para a produção/circulação cultural. Depois de morta pela estereotipização, essa memória é embalada e posta pelo Estado à disposição do mercado consumidor.

As imagens, fortes, do campo, fossilizado e inerte, nessas políticas de preservação tratam seus moradores, ainda vivos, como tipos do passado rural, ausentes da história, mas, bem

presentes na memória. É como se o campo tivesse deixado de existir na segunda metade do século XX enquanto espaço de trabalho e de trabalhadores e o campo atual se movimentasse sem ninguém que o conduzisse.

Essa memória foi apartada definitivamente das condições materiais de sua produção e a cultura resultante, como um “fetiche”, faz com que aquele campo “dance” à nossa frente como construtor do homem e, não, como construído por ele.

A memória que recompõe viveres do homem do campo, no mesmo movimento, rompe a possibilidade de diálogo com o presente, mata o processo histórico. A circulação dessa memória se dá em diversos espaços: obras de arte, pinturas, música sertaneja, literatura, causos populares. Lá estão os moradores do campo, ora personagens envolvidos em aventuras amorosas, ora jagunços andando sem rumo certo a serviço de algum proprietário ou, em alguns casos, acima destes, pela valentia; é possível ouvir imaginariamente os risos dados por eles nos mutirões, quando manejavam a foice, o machado, a enxada, ou vê-los soltando improvisos, dançando nos bailes noturnos, contando piadas.

Esse movimento de fixar o campo em um período histórico congelando-o como representação única de um modo de vida, de maneira intencional ou não, congela também o presente. Apresentar a situação do campo, na segunda metade do século XX, como se fosse a sua crise “final” é tratá-lo como se ele não tivesse constantemente passado por transformações; é fixar esse período como a única expressão válida de vida no campo; mas, é também negar que a relação entre o homem e o trabalho se transforma constantemente, é um processo sempre inacabado, estando este homem no campo ou na cidade.

Esta pesquisa, que assenta no aspecto social, tem sua história vinculada às atividades desenvolvidas como aluno e depois como professor/orientador da Universidade Federal de Goiás, Campus de Catalão e às do mestrado na Universidade Federal de Uberlândia, e como doutorando na mesma instituição, sempre na linha de pesquisa: “Trabalho e Movimentos Sociais”. Nas nossas diversas atividades, temos buscado avançar no interior do social reconfigurado constantemente nas diversas disputas; queremos mostrar como essas disputas podem ser pensadas/repensadas quando se considera as feições que os trabalhadores sofrem/atribuem às transformações.

Ao eleger a fala dos trabalhadores para interpretar as transformações que eles imprimem/sofrem, nos filiamos a um legado no qual a cultura permitiu que saíssemos de um momento demarcado por certa exclusão dos trabalhadores em privilégio do trabalho enquanto categoria, situação que fixava conteúdos pré-figurados e dava pouco espaço aos seus protagonistas.

Há também a necessidade de se descobrir e implementar outras disputas, pois, após certos usos e apropriações, a cultura foi perdendo o conteúdo que apontava as contradições e delineava horizontes de utopia e foi sendo traduzida e consumida pelo *status quo* do capitalismo. Hoje temos visto no multiculturalismo, nas questões de identidade e de ressentimentos etc. não apenas mutações na interpretação do trabalho e dos trabalhadores, mas, o abandono da categoria em favor de outras perspectivas políticas. Reafirmando a vitalidade da categoria trabalho e trabalhadores há a necessidade de

(...) indagar sobre o significado e implicações de retomar a luta de classes não só como categoria de análise mas como perspectiva política e a correlata necessidade de pensá-la como um lugar que dê conta de juntar ou articular academia e vida social. Assumir essa compreensão da luta de classes pode indicar a necessidade de, no interior da tradição marxista, retomar a nossa trajetória de enfrentamento do leninismo e da ortodoxia; de redefinir nossa noção de imperialismo que, por vezes, parece haveremos jogado fora, de reavaliar o uso concomitante ou sucessivo de vários termos para traduzir contradição, tensão, conflito, como, por exemplo, classe, luta de classes, resistência, vencidos, excluídos; de reavaliar o deslocamento de significados produzidos ao nomearmos os sujeitos “operários” ou “trabalhadores”. Desafio maior e mais atual parece ser o de avançar na superação das dificuldades colocadas para os projetos das esquerdas após a queda do socialismo real, do muro de Berlim e das transformações efetuadas pelo neoliberalismo nos modos de produção e reprodução do capitalismo contemporâneo. (CRUZ, PEIXOTO, KHOURY, 2006, p. 17/18)

Quanto às disputas observadas nas transformações que investigamos, privilegiamos, entre as fontes, as que se manifestam as memórias de homens e mulheres que, vivendo hoje em cidades, moraram por algum tempo no campo na segunda metade do século XX. Aproximarmo-nos de suas memórias se reveste dos desafios de validar nossa compreensão de processo histórico e de seus protagonistas neste século XXI, conforme alerta Portelli:

Basicamente, o século XX tem sido e espero que o próximo continue a ser uma época em que não estamos convencidos de que os derrotados vão permanecer derrotados para sempre. E por isso mesmo, o desafio da memória às ideologias dominantes é também uma parte do desafio de movimentos políticos de indivíduos aos poderes dominantes na economia e na política. E penso que isto se relaciona também com a questão metodológica, porque acredito que a metodologia é uma extensão da política. E tem a ver igualmente com toda a discussão de história versus memória. Essencialmente, disseram-nos que uma memória individual é ideológica, mitológica, não confiável – razões pelas quais, aliás, eu a aprecio – mas isto é a memória. A história, no entanto, é propriedade de instituições e de historiadores profissionais. (...). Acredito na história oral precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você “recorda” a história, mas memória “como” história. (PORTELLI, 2000:68-69)

A identificação das memórias dos entrevistados enquanto campo de diversos tensionamentos nos mostra as condições de vida no campo e a ida para a cidade não como

instantes apartados de maneira rígida, mas, como significado das pressões que sofreram e dos trabalhos que executaram.

Temos revisto o posicionamento que tomamos ao pesquisar ou orientar trabalhos que se dedicaram aos trabalhadores no campo ou na cidade. O esforço que praticamos para lidar com as maneiras específicas que esses trabalhadores constroem para lidar com suas histórias não rompia com uma ideologia que recompõe campo e cidade como recortes rígidos onde os trabalhadores já entram com o um roteiro pré-definido. Apesar da aproximação com a fala dos trabalhadores quando os contextualizávamos, a maneira como colocávamos suas memórias não rompia com as rígidas fronteiras que têm marcado com o atraso e o progresso os mundos do campo e da cidade, o que, no final, provocava uma fratura em suas trajetórias.

A cidade, hoje no cotidiano dos trabalhadores, é o espaço onde, frente a diversas pressões no mundo do trabalho, eles recuperam como relevantes suas vidas no campo, problematizando-as para além dos marcos já firmados na memória pública, de onde precisamos superar a perspectiva que adota um discurso se como o campo e a cidade fossem cenários sociais prontos onde os trabalhadores entram como coadjuvantes

Foi preciso também lidar com a crítica à dualidade entre campo e cidade, que qualificava o primeiro como o lugar do atraso, do arcaico e da reação ou do idílico e do paraíso perdido e, o segundo, como lugar do progresso, da racionalidade e da revolução ou da desagregação. Não só a crítica teórica, mas principalmente o estudo da experiência de movimentos de migrantes nas cidades, de trabalhadores bóias-frias e sazonais, possibilitou-nos propor uma compreensão na qual campo e cidade aparecem articulados e conectados por um mesmo tempo histórico. Assim, foi pela mão desses movimentos e sujeitos que garantem sua sobrevivência, ora no rural ora no urbano, que passamos a encontrar heranças e tradições rurais que reinventam e passam a constituir a cidade, assim como instituições, hábitos, costumes e tradições que, engendradas na cidade, penetram as vivências urbanas e rurais. Entendemos que, num mesmo movimento, tais processos modificam, simultaneamente, o campo e a cidade. (CRUZ, PEIXOTO, KHOURY, 2006: 14-15)

Através das entrevistas realizadas, de processos-crime e de documentos literários temos investigado as relações vividas por trabalhadores do campo pra, a partir dessa análise, estabelecer a constituição dos espaços para além de entendimentos que os propõem como prontos.

Inicialmente, em entrevistas realizadas no curso de mestrado², verificamos a constituição de uma memória dos trabalhadores ferroviários como alternativa, ou em oposição, a uma lembrança hegemônica que dela alijava os trabalhadores e apregoava a empresa como modernizadora das relações de trabalho e propiciadora da instalação de relações capitalistas modernas de produção.

Naquele trabalho, a pesquisa procurou recompor parte do mundo daqueles trabalhadores e trabalhadoras e os tensionamentos com a empresa a partir de uma relação de trabalho que envolvia, para os braçais, uma relação direta entre suas famílias e as normas da empresa, por morarem, com suas famílias, em casas destinadas para as turmas, situadas às margens dos trilhos, sob o controle de um feitor³. Aprofundamos os significados sociais dessas memórias, que se revelaram destoantes das da empresa como redentora da região. Concluímos que esses trabalhadores não constituíram uma identidade única com a empresa, pelo contrário, possuíam um profundo ressentimento com a ferrovia, em parte pelas demandas que ainda persistem em relação a direitos que estes trabalhadores reivindicam na justiça, em parte pelas condições extremamente precárias de trabalho a que eram submetidos.

Atentos à relação com a empresa, não desenvolvemos a análise da trajetória daqueles trabalhadores, de uma questão que antecedia a entrada deles na empresa: a saída do campo, apesar de a termos apontado. Para os braçais, a ida para a empresa sempre significava uma saída forçada da fazenda e nunca uma opção para “melhorar” de vida; as dificuldades enfrentadas por eles se deviam em grande parte à transformação brusca de uma relação de trabalho em que não havia a vigilância de um feitor, ou que não era regulada pelo relógio e a moradia em uma casa de “turma”, onde se perdia a liberdade e o direito a um quintal para o plantio, ou seja, ao controle da empresa, que avançava sobre certos direitos que estes trabalhadores tinham na fazenda.

As entrevistas mostraram como a entrada na empresa era mais do que opção de ser ferroviário; era a impossibilidade de continuar nas fazendas. O Sr. Bernardo, ao contar a trajetória de vida que o fez entrar para a ferrovia, indica como relevantes para a decisão a briga com o fazendeiro, uma doença que lhe fez consumir as economias e, por fim, a necessidade de vir para a cidade:

(...) eu fui trabalhá na fazenda que era do meu padrinho de casamento; então, nós foi quase criado junto, eles rico e eu pobre. Trabalhava com ele lá e lá, sô, eu toquei uma boa roça e tal e coisa; eu tava até bem de vida, de roça, eu tava até bem de vida, tinha capado e uma coiseira lá, por causa dessa enfermidade aqui (mostra com o dedo uma cicatriz no rosto), isso que me levou prá estrada, tava bem de vida, lá tinha uns capado gordo, um dinheirim, isso aqui me cabô com o dinheiro. De agregado, então, lá a gente tirava leite, e coisa, e o velho garrava na enxada, foice, mexendo com boi lá, carro; aí nós foi discuti lá; por mal ou por bem, nós discuti e eu tava bem, não devia ele, porque eu nunca trabalhei devendo, e pouca coisa mandava a gente embora. Então resolvi vim prá cá para trabalhá com o Geraldo Moreira, fornecia lenha e dormente prá estrada, e eu vim trabalhá com ele. Mas aí, chegou aí foi uma barba grande, fizeram um voto, por causa disso aqui (mostra a

² INÁCIO, Paulo Cesar. Trabalho, Ferrovia e Memória: A Experiência de Turmeiro(a) no Trabalho Ferroviário. Dissertação de Mestrado em História Social, Uberlândia, UFU, 2003, mimeo.

³ Designado pela empresa como chefe das turmas, responsável pelo controle dos trabalhadores tanto no local de trabalho quanto de moradia com as famílias.

cicatriz do lado direito do rosto). Tinha que ficá sete meses sem fazê a barba, mas não sarou nada e vim prá cá trabalhá com o caminhão, mas aí ele falô que não era bão trabalhá com o serviço pesado que aquilo podia voltar, me deu prazo de um mês ou dois aí (...) eu fui arranjei serviço com o Zé Teles, que é o pai do Zé Goiaba, trabalhá na rede, fazia baldiação na rede.⁴

Dona Irani, esposa do Senhor Sebastião Henrique, que se aposentou como trabalhador da ferrovia, relembra como a entrada dele para a ferrovia foi precedida de um desentendimento com a esposa do proprietário da fazenda onde antes eles moravam.

Nóis morava em fazenda do Antônio do Zé Rosa; mais, o Sebastião trabaia pro Antônio Alvarenga. Antônio Alvarenga era irmão da dona Hermantina, ele morreu tem muito tempo. Então nós mudamo prá lá, eu tomava conta das coisas, ajudava fazê as coisas prá ele, ele era bom demais prá nós. Foi o primeiro lugar que nós casô e foi morá, retirado lá do Veríssimo. Aí, nós fico, saiu de lá veio prá Veríssimo quando ele entregô a fazenda que era alugada. A dona da Chácara pegou um quarto prá ela, retirava minhas panelas do fogo prá pô as dela. A mulhé do Antônio do Zé Rosa, (...) escondia os trem eu ficava vendo aquilo, tava grávida e não podia, não dava nem prá mim prová. (...) E eu penei, o Sebastião levantava de madrugada, foi antes dele entrar na rede. Aí nós saiu, o seu Antônio muito bom, ele deu porco, deu galinha prá nós, deu um tanto de trem. Ele era muito bom prá nós. O Sebastião entrô na estrada que o Lobato arrumô. Aí eu fiquei na minha mãe, ganhei a Sueli, aí depois eu fui prá beira da linha. Na beira da linha eu fiquei até, até mudar prá cá.⁵

Dona Guimar, viúva do Sr. Gaspar, que também se aposentou como trabalhador braçal, ao relembrar a entrada dele na ferrovia, mostra como, nas dificuldades iniciais, o trabalho no campo permitia uma complementação nos ganhos.

Aí, eu tinha uma madrinha, aí ela casô com um mestre de linha, chamava Dorvalino. Um dia ele chegô lá em casa, falei assim prá ele; chamava ele de padrim, falei prá ele: Eu já pedi o Gaspar até pelo amor de Deus prá ele saí da estrada. Ele trabaia demais, o dinheiro não tá dando, e é mixaria né; ele inteirava com esses trem que eu te falei rancando toco, batendo coisa pro seu Tonico, (...) porque tá ganhando mixaria, além disso se não fosse a cooperativa onde nós tirava as coisas né? (...) Ele falô assim: minha fia onde cê tá com a idéia? paciência que vai melhorá aí depois o Gaspar passô a sê diarista (...) O Gaspar inteirava; ele trabaia a semana inteira, Paulim, capinando as coisas, batendo pasto, no sábado - eu tava esperando prá ganhá o José - no sábado ele já vinha trazendo uns trocadim mim ajudá né, minha mãe também era viúva.⁶

Na trajetória desses trabalhadores identificamos aspectos que desmentem um ideal de uma cidade que, com aspectos modernos, atrairia os moradores do campo, em busca de melhoria de vida ou de educação para os filhos. Nas falas evidencia-se mais do que uma saída do campo, mostra-se uma nova situação de trabalho em que, mesmo trabalhando na empresa

⁴ Entrevista realizada com o Sr. Bernardo, no dia 27 de abril de 2002, em sua residência, situada à Rua Sinfrônio Martins Teixeira, 05, Goiandira-GO.

⁵ Entrevista concedida pela Sra. Irani, em 22 de junho de 2002, em sua residência situada à Rua Oscar de Santana, 06, Goiandira-Go.

⁶ Entrevista realizada com a Sra. Guimar, em 20 de julho de 2002, em sua residência, situada à Rua Onensíforo Mariano de Oliveira, 27, Goiandira-Go.

ferroviária, por diversas dificuldades, continua-se a trabalhar no campo, numa piora em relação ao *status* anterior.

Estando na cidade esses trabalhadores experimentam, no distanciamento físico, pela separação entre o local de trabalho e a vida familiar, uma nova relação de trabalho. Redefine-se o trabalho e a vida. A experiência anterior de trabalho pressupunha direito à moradia, a relação com a cidade era mediada somente pelas compras, com a política era mediada pela relação de poder com o proprietário. Na cidade, toda essa situação é experimentada diretamente por esses trabalhadores.

Ao chegarem à cidade, esses trabalhadores demarcam, diante de pressões, espaços específicos, os espaços que ocupam e nos quais se movimentam. Na cidade de Goiandira, pudemos identificar espaços sociais populares, como a Rua Rui Barbosa, conhecida como “Rua do Fogo”, o “Patrimônio”, locais de encontros, de festas e as plataformas das estações ferroviárias, bem como as ruas da cidade, espaços que instituem outras formas de trabalho, como o comércio ambulante.

A elite, ou seja, os proprietários de terra e seus familiares também se deslocam para a cidade. Confrontam-se na cidade as relações já vividas no campo. Nesse embate surge a tentativa de estabelecer, ao mesmo tempo que a constituição de um mercado de trabalho, uma nova ética de vida.

A redefinição das relações de poder se deu pelo deslocamento dos mesmos protagonistas do campo para a cidade de Goiandira. O crescimento das cidades em geral e sua reestruturação, com o aumento da presença de segmentos do Estado, transferem para esse espaço o papel exercido pelas oligarquias proprietárias. As disputas partidárias eram apenas para saber quem tinha o direito de saquear e distribuir o que é público para amigos e de dirigir toda a força legal e seu braço armado ou de ordenamento social contra os adversários que lhe poderiam roubar o direito de saquear o Estado.

Nos processos-crime e em grande parte da literatura produzida em Goiás, na segunda metade do século XX vai se construindo uma representação dual do mesmo trabalhador do campo. Enquanto uma parte da literatura constrói idéia de uma vida miserável no campo, inclusive pelo pouco avanço tecnológico daquela sociedade, outra soma um outro atributo aos trabalhadores que é a incapacidade do trabalhador do campo para o exercício da política. Assim para a literatura, a miséria forma um trabalhador incapaz de exercer a política. Nos processos-crime, este mesmo trabalhador surge como uma ameaça à ordem da cidade.

Acompanhando a redefinição tanto da cidade quanto do campo, vimos, a partir mundo dos trabalhadores, como imagens convencionadas se articulam às disputas que demarcaram aquelas transformações.

A vida desse trabalhador na cidade pode nos ensinar não como um ideal de urbanidade fascina e atrai o homem do campo, mas a identificar como a perda das referências do campo faz com que ele expresse sua discordância com as novas normas que a vida na cidade impõe pelo resgate dos costumes vividos no campo. Portanto, é um risco se entender isso como uma expressão de rebeldia natural contra a cidade. É hora de ver que a cidade permite, pela ameaça à perda dos padrões vividos na roça, que aqueles valores do campo sejam redefinidos, não como uma reconstrução idílica daquele tempo, mas, como defesa de direitos na nova ordem que aos poucos vai se instalando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Uberlândia: Edufu, 2005.

MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.) **Outras Histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

PORTELLI, Alessandro. **Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI**. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Fernandes, Tânia M. Dias e Alberti, Verena (org.) **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/FGV, 2000.